

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		1 de 21									

**KORMIKIARI, M.C.N.**

**2014. Arqueologia da Paisagem. S.P., Labeca - MAE/USP.**

**[revisão Labeca]**

*“Landscape Archaeology is a term once used to describe a narrowly-defined set of field methods, such as field-walking, air photo interpretation or the identification and recording of earthworks — essentially the Field Archaeology of O. G. S. Crawford (1953). These methods retain their validity, but finding ‘sites’, reconstructing ‘settlement patterns’, and exploring a site’s surroundings are now seen to represent a rather limited agenda. Archaeologists are beginning to discuss the meanings of past landscapes, and to think about the choices they face in landscape interpretation. They are starting to explore the recursive relationships between the cultural landscape (at varying scales), social action and perceptions of the world. This perspective in turn stimulates new approaches, often originating within other disciplines. A cynic might argue that the use of the term ‘landscape’ by archaeologists is now so broad and diffuse that it has become meaningless, but it could also be argued that it is precisely the breadth of the concept which gives the value, bringing together many of our current theoretical preoccupations.”*

Andrew Fleming (Emeritus Professor, School of Archaeology, History and Anthropology - Univ. of Wales). Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia 9, 1999: 12.

Segundo Andrew Fleming (2006: 267), o termo “arqueologia da paisagem”, ao que parece, foi usado pela primeira vez, na Grã-Bretanha, em meados dos anos ’70. No *festschrift* para Leslie Grinsell (Fowler, 1972), há uma grande discussão a respeito da “arqueologia de campo”, *field archaeology*. O livro, como um todo, é uma homenagem a Grinsell, por seu trabalho como arqueólogo de campo. Trabalhando como arqueólogo amador, ele escavou os túmulos (*barrows*) de Wessex a partir de 1929, chegando a visitar 5750 deles (dentre 6100 registrados). O livro homenageia-o por ter, em um período quando ainda prevalecia a arqueologia histórico-culturalista, realizado detalhados mapas de distribuição que mostravam um padrão de assentamento distinto sobre um panorama geológico específico, entre outros avanços metodológicos e informativos (idem: 13). Logo em seguida, em 1974, Mick Aston e Trevor Rowley publicaram *Landscape Archaeology*. A razão dada por eles para a introdução do novo conceito era clara: eles queriam estabelecer a ligação entre *field archaeology* e os, então iniciais, estudos de história da paisagem.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		2 de 21									

“Arqueologia de campo”, nas investigações anglo-saxãs, se organizou muito embasada nos métodos desenvolvidos por O. G. S. Crawford, e por ele resumido em sua obra *Archaeology in the Field*, cuja primeira edição data de 1953. Apenas dois anos após, W. G. Hoskins publicou o influente *The Making of the English Landscape*, onde aparece implicitamente a seminal relevância da arqueologia de campo para estudos de história da paisagem. Em seguida a este trabalho, e ainda na década de 1950, outros textos foram produzidos nas mesmas linhas, isto é, relacionando a arqueologia, particularmente a arqueologia de campo, e o conhecimento da formação antrópica da paisagem. Entre eles, podemos citar, por sua influência na academia britânica: *The Lost Villages of England* e *History on the Ground*, de M. Beresford (1954 e 1957, respectivamente); e *Medieval England: an Aerial Survey*, de J. K. St. Joseph (1958) (Fleming, 2006: 267).


O reconhecimento que a arqueologia de campo havia ultrapassado a identificação e o registro de *sítios*<sup>1</sup>, e que podia, ao invés, lidar com paisagens culturais, cronologicamente complexas e extensas, foi ganhando corpo nos anos de 1960 e 1970, até a cunhagem do termo *Landscape Archaeology*, Arqueologia da Paisagem, no livro homônimo de Mick Aston e Trevor Rowley, em 1974, conforme assinalamos no início de nosso texto.

Mas, uma crítica feita por longo tempo, com relação à abordagem da paisagem na Arqueologia, era que esta era mais utilizada para fornecer um “pano de fundo” sobre o qual os vestígios materiais eram plotados e avaliados (cf. Ashmore e Knapp, 1999: 1)<sup>2</sup>.

Em um artigo muito citado, os arqueólogos norte-americanos K. F. Anschuetz, R. H. Wilshusen e Ch. L. Scheik, “An Archaeology of Landscapes: Perspectives and Directions”, de 2001, criticam justamente a suposta falta de definição do conceito ‘paisagem’, conforme esta vem sendo tratada pela Arqueologia contemporânea. O problema estaria na oscilação, por parte de diferentes pesquisadores, dentro de diferentes abordagens, do significado de paisagem. Desse modo, uma variedade de referências paisagísticas são usadas,

1 A bibliografia mais recente em Arqueologia da Paisagem muito tem debatido o próprio conceito sítio e suas implicações para a pesquisa arqueológica. Mais adiante em nosso texto, abordaremos esta discussão.

2 Por exemplo, em 1983, Dannel e Dancey escreveram em prol do siteless survey, registrando como ainda se operava a partir da concepção tradicional, que buscava nas prospecções de superfície, os sítios a serem escavados (Dannel e Dancey, 1983: 268), e não propriamente em termos de uma Arqueologia da Paisagem mais conceitual.

	Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		3 de 21

ora enfatizando um aspecto natural (ecológico; geomorfológico ou hidrológico, por exemplo), ora um cultural (tecnológico; organizacional ou cosmológico) do ambiente humano<sup>3</sup>.

A pergunta que eles lançam é se haveria uma base teórica clara na abordagem da Paisagem, pela Arqueologia, ao mesmo tempo, concedendo que a falta de uma conceituação fechada afeta outras ciências. Esta dualidade, abordagem natural versus abordagem cultural, teria suas raízes no século XIX, nos posicionamentos de Friedrich Ratzel e Émile Durkheim.

Ratzel desenvolveu a questão de como os grupos humanos se espalham pelo espaço e como se diferenciam uns dos outros em relação às propriedades impostas por seus meios naturais, notadamente em sua obra *Anthropogeographie* (2 vols., 1822-1891), onde ele afirma que “*l’humanité c’est un morceau du globe*” (p.23). O fato de que parte de seus textos foi interpretada como projetando um determinismo geográfico sobre o homem, é tida pela análise mais contemporânea como uma mal-compreensão.

Na resenha que faz da *Anthropogeographie* (publicada no *Année Sociologique* de 1900), Durkheim, apesar de elogiar o trabalho, critica algumas das associações que Ratzel faz entre os fenômenos naturais (geográficos) e as instituições sociais, mesmo cedendo para a crença que, com relação à religião, por exemplo, a natureza do solo e do clima influenciou representações coletivas, como mitos e lendas (salientando, entretanto, que não é papel da sociologia da religião estudá-la neste sentido).

Assim, ao dar prevalência para a concepção da sociedade enquanto resultado da consciência coletiva moldada por enquadramentos institucionais, Durkheim joga para segundo plano a relação do homem com o seu meio ambiente. Deste modo, temos a formação básica dos dois pólos de pensamento que irão alimentar as teorizações sobre as formações societais e a questão da mudança, tão caras às ciências humanas e, particularmente, como é de nosso interesse aqui, para a Arqueologia contemporânea.

<sup>3</sup> A título de exemplo, podemos citar o artigo de B. G. Gladfelter, de 1977, “Geoarchaeology: The Geomorphologist and Archaeology”, *American Antiquity*, 42: 4, p. 519-538, no qual paisagem é definida de maneira a “include the intricately related aspects of surface form and morphogenetic systems” (cf. Morais, 1999: 10) e o recente número, de 2001, da coleção *New Directions in Archaeology*, intitulado *The Archaeology of Urban Landscapes. Explorations in Slumland*. Editado por Alan Mayne e Tim Murray, e que trata especificamente, dentro de um enquadramento cronológico e histórico específico – os séculos XVIII ao XXI, e as cidades de cultura anglo-saxã – os “all-but-forgotten local horizons of vanished inner-city neighbourhoods”, que, segundo os editores “In every case, the past textures of these places have been obscured by distorting ‘slum’ stereotypes” (Mayne e Murray, 2001: 1).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		4 de 21									

Por um lado temos uma paisagem teorizada como um pano de fundo passivo, e, por outro, como força chave na determinação cultural (Ashmore e Knapp, 1999: 2).

Neste sentido, a procura por um conceito mais definido do que seria a abordagem da paisagem pela Arqueologia, como propõem Anschuetz, Wilshusen e Scheick, tem como preceito a própria natureza das relações entre os povos e os espaços que ocupam:

### QUAL A RELAÇÃO (S) POVOS X ESPAÇOS OCUPADOS

Conforme já colocamos, inicialmente, na Arqueologia, a paisagem era teorizada como um pano de fundo passivo ou, como o extremo contrário, como uma força chave na determinação cultural.

Atualmente, apesar de a crítica inicial de Fleming, a paisagem é vista como uma “entidade ativa e muito mais complexa em relação às vidas humanas” (Ashmore e Knapp, 1999: 2).

O resultado imediato foi a construção de uma vertente, a Arqueologia do Lugar, onde se pensa como as comunidades transformam espaços físicos em locais com significado (Anschuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 159)<sup>4</sup>. Conforme aponta P. Ucko:

*“Landscape everywhere in the world is a construct of human beings – wheter through human ascription to it of mythological creation, or through physical actions by the humans themselves....Whatever the difficulties of recognizing such special sites from the archaeological record – all societies in the past would have recognized, as do all societies in the present, some features of their landscapes (if not all the earth) as special.”<sup>5</sup>*

4 Além disso, o reconhecimento do significado social do espaço enquanto lugar obriga a Arqueologia Ocidental (na opinião de Knapp e Ashmore, 1999: 2) a rever a conceituação de locais como cavernas, nascentes, picos de montanhas, florestas, entre outros, mormente classificados como locais com significado “natural”. O significado é outorgado a uma configuração natural ou a um acidente geográfico culturalmente e não de maneira direta (idem). Sobre a significação do lugar, ver também Browser e Zedeño, 2009.

5 Ucko, P. J. “Foreword”. IN: d. L. Carmichael, J. Hubert, B. Reeves e A. Schanche (eds.), Sacred Sites, Sacred Places. One World Archaeology, 23, Londres, Routledge: xviii-xix apud Ashmore e Knapp, 1999: 1.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		5 de 21									

Uma Arqueologia da Paisagem, ou do Lugar, impõe a interdisciplinaridade e o diálogo com perspectivas teóricas distintas. Mas o que são paisagens? E como a abordagem paisagística pode facilitar a compreensão dos processos históricos e culturais na Arqueologia?

Neste sentido, a abordagem da paisagem é relevante para o objetivo de a Arqueologia de explicar o passado humano por meio de sua habilidade em reconhecer e avaliar as relações interdependentes e dinâmicas que as pessoas mantêm com as dimensões física, social e cultural de seus meio-ambientes ao longo do tempo e do espaço.

Não se pode deixar de lado, igualmente, as grandes possibilidades de interação com o grande público, que uma Arqueologia da Paisagem carrega em si. Inclui-se, neste sentido, as comunidades indígenas que têm muito a dizer sobre a sua herança patrimonial. Assim, o arqueólogo consegue entender porque certo local é tradicionalmente importante para uma comunidade, permitindo um diálogo cultural cruzado sobre a construção e reprodução de ligações com determinados locais.

Um exercício interessante é retomar algumas premissas relativas à idéia de paisagem que têm sido utilizadas por arqueólogos com interesses distintos, mas que, no fundo, demonstram alguns pontos em comum, conforme nos apresentam Anschuetz, Wilshusen e Scheick (idem: 160):

- Paisagens não são sinônimos de meio-ambiente natural.
- Paisagens são sintéticas.
- Sistemas culturais estruturam e organizam as interações das pessoas com seus ambientes naturais.
- A Paisagem indica o mundo externo mediado pela subjetiva experiência humana.
- A Paisagem, ao mediar a natureza e a cultura, é uma parte integral do 'habitus' de Bourdieu<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Segundo Bourdieu (2001) o *habitus* consiste em uma matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se incorporam aos indivíduos (ao mesmo tempo que se desenvolvem neles), seja no nível das práticas, seja no da postura corporal (*hexis*) desses mesmos sujeitos. Desse modo, o *habitus* é apreendido e gerado na sociedade e incorporado pelos indivíduos. Pode-se afirmar que o *habitus* sofre o efeito das transformações ocorridas na cultura e na sociedade, mas também influencia essas mesmas mudanças por consistir em uma espécie de segunda natureza dos indivíduos, acoplada à sua subjetividade mais profunda e consciente, mas não totalmente subsumida por essa dimensão racional, e que gera hábitos e ações nem sempre explicáveis pelas vias da lógica formal.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		6 de 21									

- Paisagens são mundos produzidos culturalmente.
- Por meio de atividades cotidianas, crenças e valores, as comunidades transformam os espaços físicos em espaços com significados.
- Paisagem = construção de um mundo.

Na visão de Anschuetz, Wilshusen e Scheick, uma paisagem representa a maneira pela qual as pessoas dão significado a elas mesmas e a seus mundos, isto por meio de sua relação com a natureza. E é por meio dessa relação que elas salientam e comunicam seu papel social e o dos outros.

Neste sentido, uma idéia muito difundida é a da Paisagem enquanto **arena** de todas as atividades de uma comunidade.

Paisagens organizam a percepção e a ação, e, assim, a economia, a sociedade e a formação de idéias e conceitos são tanto interconectadas como interdependentes.

É preciso, por outro lado, não perder de vista a temporalidade. Paisagens são construções dinâmicas. Cada comunidade e cada geração impõe seu próprio mapa cognitivo sobre um mundo antropogênico que possui morfologia e arranjo interconectados e um significado coerente (Anschuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 161). Neste sentido, podemos estender esta formulação à espacialidade e atentar para o fato que subgrupos de uma dada comunidade também exercem sua 'escrita' sobre seu meio natural e por ele são influenciados.

A dimensão temporal, em particular, mostra como as paisagens são tanto um construto material que comunica informação como são um texto histórico. Paisagens incorporam princípios fundamentais de organização das formas e estruturas das atividades das pessoas.

Processos de mudança comportamental ao longo do tempo e do espaço sempre resultam em uma paisagem em constante mutação. Assim, paisagens são produtos de processos culturais.

Todo este conjunto de premissas veio preencher uma necessidade de desenvolvimento das pesquisas arqueológicas. O histórico de formação da Arqueologia, iniciado no Renascimento europeu do século XIV, o qual não nos cabe aqui retomar em detalhes, pode ser aqui sintetizado como um longo processo de maturação, no qual o interesse por uma materialidade muito específica, o objeto, não qualquer objeto, o objeto "belo", inteiro, e a obsessão por um ordenamento tipológico e cronológico destes artefatos escolhidos, uma missão, durante muito tempo, fechada em si mesma, vai caminhar, em avanços metodológicos, tecnológicos e teóricos, para a busca da compreensão de

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca	7 de 21										

como as sociedades humanas viviam, na materialidade e na imaterialidade. Da preocupação com o artefato, a Arqueologia caminhou para o sítio e, deste, para a paisagem.

Este amadurecimento teórico, com uma preocupação investigativa mais abrangente, de se entender não apenas uma dada sociedade humana no tempo e no espaço restrito de seu assentamento, e sim esta na sua extensão espacial mais ampla e em relação às várias sociedades co-vivendo em uma mesma região, ao longo do tempo, levou ao desenvolvimento da Arqueologia da Paisagem, desde seus primórdios nos estudos de padrão de assentamento até aos dias atuais.

Uma das necessidades básicas, portanto, que motivaram estes desenvolvimentos foi a da Arqueologia se afastar das pesquisas de sítios únicos e individuais e se estudar questões que abordam mudança e variação regional. Pesquisas dos chamados offsite/nonsite e da paisagem arqueológica são feitas para se levar em consideração a distribuição e o alcance dos vestígios arqueológicos. Trata-se de um tipo de pesquisa que não se encaixa (especialmente ou conceitualmente) com os tipos de sítios mais comumente identificados.

Alguns proponentes teóricos da Arqueologia da Paisagem, como o pré-historiador e professor da Univ. de Bournemouth, Timothy Darvill, chegam a criticar o próprio conceito de sítio, pois este atrapalharia o pensamento teórico (Anschuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 162).

Peter Van de Velde, arqueólogo que trabalha com o Mediterrâneo Antigo, igualmente trabalha esta questão, que se tornou essencial, nos estudos de Arqueologia da Paisagem. No *Riu Mannu Survey Project*, desenvolvido na Sardenha, Van de Velde e Peter Van Dommelen, os dois arqueólogos responsáveis, estabeleceram uma metodologia extensiva (amostragem por pontos), como alternativa à usual coleta intensiva (Van de Velde, 2001). A intenção foi a de fugir à coleta de apenas fragmentos diagnósticos e de, ao aumentar o número de achados coletados, escapar a dois dos problemas mais comuns nas pesquisas baseadas em *surveys*: efeitos da visibilidade e subjetividade do caminhante.

Van de Velde trabalha a questão do sítio dentro da pesquisa liderada por ele apontando como o termo “sítio” sugere, na literatura de *surveys*, um registro arqueológico de um conjunto de sítios com “barulho” esparsamente distribuído

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		8 de 21									

entre eles (na concepção de alguns arqueólogos: “apenas ‘lixo’ e nada mais”<sup>7</sup>). Sítios são, então, definidos como “concentrações de materiais *interligados*”, que teriam como significado representarem “algum tipo de foco de *atividade*”<sup>8</sup>. A utilidade da arqueologia *off-site* costuma ser, igualmente, questionada pelos que defendem os *surveys* como meio de se encontrar sítios<sup>9</sup>. A alternativa, caracterizada pelo uso de termos como “distribuição” e “paisagem”, visualiza o registro de superfície enquanto um achado único, complexo e extenso, alcançando os “limites do nosso universo visível”, com áreas mais e menos densas de distribuição (Van de Velde, 2001: 28).

Lewis Binford and Anthony Snodgrass<sup>10</sup> cunharam a metáfora “um tapete de achados quase contínuo”. Assim, nesta perspectiva, quando sítios são discutidos, estes são percebidos como “manchas” no tapete, e explicitamente marcados como construtos arqueológicos: ADABSs (Abnormal Densities Above Background Scatter) ou POSIs (Places of Special Interest) (idem).

A questão a se reter nesta discussão, é que a perspectiva que vê sítios e “barulho” ao seu redor acaba, provavelmente de maneira involuntária, segundo Van de Velde (idem), enfatizando a dicotomia urbano-rural e ignora questões como jardins e áreas de cultivo (onde devem ser incorporadas?). É importante ter em mente que o uso contínuo da paisagem, com certeza, deixou marcas, potencialmente criando um registro contínuo e extenso, mas que não deve e não pode ser meramente classificado como o “proverbial burrinho perdendo o jarro”, isto é, locais de adubação ou de atividades variadas, ou depósitos intencionais (ibidem: 29). Há de se levar em consideração as ações pós-deposicionais, como erosão, inundações, trabalhos agrícolas, entre outras, que podem espalhar os vestígios de um sítio por uma área mais extensa. Ao mesmo tempo, uma pesquisa que se baseie na noção de continuidade espacial e temporal do registro arqueológico pode, eventualmente, a partir dos dados do campo, concluir que algumas áreas não foram utilizadas durante certos períodos<sup>11</sup>.

7 Flannery, K. V. *The Early Mesoamerican Village*. Nova Iorque: Academic Press, 1976 *apud* Van de Velde, 2001: 28.

8 Shennan, S. *Experiments in the Collection and Analysis of Archaeological Survey Data: the East Hampshire Survey*. Sheffield: University of Sheffield, 1985 *apud* idem.

9 Barker, G. “Regional archaeological projects: trends and traditions in Mediterranean Europe”, *Archaeological Dialogues* 3: 160-75, 1996 *apud* idem.

10 “Off-site pottery distributions: a regional and interregional perspective”, *Current Anthropology*, 29: 506-13, 1988 *apud* idem.

11 A variedade das possibilidades interpretativas dos registros *off-site* foi elencada por Susan Alcock (1994: 138): terraços, estradas, pontes, minas, cavernas usadas para culto, enterramento ou assentamento, fornos, cisternas, poços, enterramentos



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		9 de 21									

Por outro lado, a partir de uma perspectiva pós-processualista, este tipo de questionamento nem entraria em discussão, uma vez que “a superfície inteira sobre a qual as pessoas se movimentaram e na qual elas se congregaram” é essencial para nossa compreensão dos povos antigos<sup>12</sup>.

Um consenso, no entanto, aponta para a abordagem paisagística como capaz de aglutinar de maneira coerente um conjunto de pesquisas isoladas e variadas, de maneira que estas possam contribuir, coletivamente, para a compreensão de padrões de adaptação e mudança cultural (Anshuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 162).

Essa mesma abordagem fornece um enquadramento histórico cultural. Assim, observações distintas sobre variabilidade espacial e temporal de vestígios materiais (estrutura e organização) podem ser avaliados e interpretados (idem).

A Arqueologia da Paisagem teria ainda o mérito de trazer o indivíduo à frente ao fornecer um enquadramento para as “histórias das pessoas”, histórias estas que contribuem para a variação observada no registro arqueológico. Desta maneira, uma das críticas pós-processualistas, isto é, que a Arqueologia trabalha bem as estruturas e as organizações tecnológicas e os ambientes físicos mas não consegue medir o papel criativo da agência humana na definição e alteração de suas próprias condições de existência, estaria resolvida (idem).


Em suma, a análise das complexas interrelações que as pessoas mantêm com seus meio-ambientes é um caminho possível para se alcançar o indivíduo na Arqueologia.

Retomando a idéia de paisagem por detrás das pesquisas em Arqueologia da Paisagem, vemos como o contexto cultural da formação da paisagem é ponto central, pois é tanto o registro material de comportamentos padronizados, que nascem de e em contextos ambientais específicos, como é uma construção simbólica.

---

individuais, prensas de óleo e de vinho, torres isoladas, abrigos de animais, barracos de armazenamento agrícola, fazendas, santuários e altares rurais, entre outros, dando-nos ideia das possibilidades interpretativas que, muitas vezes, são pouco consideradas.

12 Barret, J. “The archaeology of social reproduction”. IN: J. Barret, R. Bradley & M. Green (eds.). *Landscape Monuments and Society: the Prehistory of Cranborne Chase*, 6-8, Cambridge: Cambridge University Press, 1991 apud Ashmore e Knapp, 1999: 6.

	Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		10 de 21

Carl Sauer, ao escrever um trabalho de geografia em 1925 (Sauer, C. O. "The morphology of landscape", *University of California Publications in Geography*, 2: 19-53 *apud* Anschuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 164), apresentou a primeira definição formal de paisagem:

"The cultural landscape is fashioned from a natural landscape by a culture group. Culture is the agent, the natural area is the medium, the cultural landscape is the result. Under the influence of a given culture, itself changing through time, the landscape undergoes development, passing through phases, and probably reaching ultimately the end of its cycle of development. With the introduction of a different – that is, alien – culture, a rejuvenation of the cultural landscape sets in, or a new landscape is superimposed on the remnants of an older one."

De maneira geral, geógrafos e arqueólogos contemporâneos se aproximam especialmente quando consideram as paisagens como construtos materiais que trazem informação sobre a estrutura e a organização de ocupações passadas, que servem como um tipo de texto histórico.

Outras ciências, além da geografia e da antropologia, dialogam com a Arqueologia nas abordagens paisagísticas, talvez o tipo de pesquisa arqueológica mais conectado à interdisciplinaridade.

Deste modo, arquitetos e designers também se aproximam de arqueólogos na sua concepção da paisagem como uma multiplicidade de textos que coexistem e não como um construto único e uniforme. Nesta concepção, os textos "paisagísticos" servem como uma arena para a tensão social e o conflito político, pois enquanto atributos físicos da paisagem – fenômenos fisiográficos e outras construções – podem aparecer sem mudanças ao longo do tempo, seus significados, atribuídos pelas pessoas, podem, de maneira silenciosa, sofrer mudanças sutis ou mesmo transformações totais.

Anschuetz, Wilshusen e Scheick apontam como um dos maiores pesquisadores da paisagem na área da arquitetura, John Brinkerhoff Jackson. Designer de paisagens, escritor e editor (foi o responsável pela criação da revista *Landscape* em 1951 e seu editor até 1968) para ele, a paisagem é:

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		11 de 21									

“A space or collection of spaces made by a group of people who modify the natural environment to survive, to create order, and to produce....society”. Assim, a paisagem “is never simply a natural space, a feature of the natural environment” (idem: 166), e “The older I grow and the longer I look at landscapes and seek to understand them, the more convinced I am that their beauty is not simply an aspect but their very essence and that that beauty derives from the human presence.”. (Jackson, 1999).

Jackson dá especial valor aos costumes das comunidades, suas relações pessoais, enquanto organizadoras dos espaços, isto é, à **paisagem vernacular**, como também à dimensão temporal do espaço, o papel da história.

No campo da arquitetura temos também Amos Rapoport, arquiteto norte-americano, responsável pelo desenvolvimento do conceito de “ambiente construído” (Rapoport, 1982). Utilizando-se da multiplicidade de fatores, Rapoport estabeleceu um conceito que lida com os produtos gerados pelo homem como construtor. Para o autor existem questões básicas nos estudos que relacionam o homem e seu meio ambiente. A mais importante delas trata do efeito do meio ambiente no comportamento humano, o qual teria efeitos diretos e indiretos. Rapoport descreve dois experimentos realizados para detectar estes efeitos (Rapoport, 1982, cap. 3). No primeiro, pessoas foram selecionadas para realizar tarefas de percepção cerebral (qualificar fotografias, corrigir textos, e outras) em dois aposentos diferentes: um “bonito” e um “feio”. Observou-se que as respostas humanas variavam de acordo com o ambiente. No segundo, novamente pessoas foram colocadas em dois ambientes diferentes para realização de testes psicológicos. Um ambiente era “interessante” e o outro “desinteressante”. Os pesquisadores que realizavam os testes também estavam adequados a cada um dos ambientes em que atuavam (vestimenta, modo de agir e idade). Em suma, um ambiente era de ‘status’ elevado e o outro de ‘status’ inferior. Mais uma vez as respostas humanas para ações idênticas variavam de acordo com o ambiente onde eram realizadas.

A conclusão de Rapoport é que apesar das ações relacionarem-se a efeitos sociais, percebemos que seus desenvolvimentos também estão associados a situações do ambiente. O ambiente comunica identidade e ‘status’, e assim um contexto é estabelecido e uma situação é definida. O ser humano guia-se por estas diretrizes. Ele lê o ambiente, identifica o contexto, a situação e age de acordo. Esta idéia agrega-se a uma das possíveis definições de ‘cultura’:

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		12 de 21									

fenômeno que existiria para permitir às pessoas co-agir por meio de noções compartilhadas de comportamento aceitável (Kormikiari, 2009: 138-39).

O uso do espaço como indicador de hierarquização social também é um caminho possível na construção do ambiente. Podemos citar como exemplo a Inglaterra da década de 60, século XX, quando o Serviço Público deste país estabeleceu uma série de características diferentes para os escritórios dos servidores (tamanho; número de janelas; presença ou ausência de carpete e outras). Desta maneira, um interlocutor já saberia o grau na hierarquia do servidor apenas observando seu escritório.

Normalmente, este tipo de “regra” de construção de um ambiente, de acordo com a hierarquia social, é “não-escrita”. No caso acima, foi inclusive codificada em manuais.

O ambiente construído é, pois, uma manifestação cultural onde se materializam os traços organizacionais de uma sociedade assim como os seus aspectos cognitivos (Florenzano, 2004).

Isto é, a situação social é que determina de que maneira a pessoa vai agir, mas é o ambiente físico que proporciona as pistas para que ela entenda rapidamente qual é esta situação social. Para isso, no entanto, é preciso que os códigos desta linguagem física sejam lidos. Se estes códigos não são compartilhados ou entendidos pelas pessoas então o ambiente não consegue comunicar, ou comunica uma mensagem distinta.

Uma vez apreendido o código, o ambiente e o seu significado têm papel importante para nos auxiliar a julgar as pessoas e as situações. Mas é preciso ter em mente que as pistas serão interpretadas de acordo com a cultura ou subcultura na qual se está inserido. Assim, Rapoport não nega que a cultura domina e que o ambiente construído é apenas um coadjuvante.

Rapoport propõe usar o modelo sociológico da “interação simbólica”, o qual reza que seres humanos agem com relação às coisas e pessoas a partir dos significados que estas têm para eles; o significado das coisas e das pessoas surge a partir do processo de interação social (o ser humano tem a necessidade básica de dar significado ao mundo e isto é feito classificando-o em campos relevantes e nomeando as coisas) e existe um processo interpretativo dos seres humanos que manipula e até modifica os significados, tanto das próprias pessoas como dos objetos. Deste modo, o significado não é intrínseco e sim construído (Kormikiari, 2009: 139).

Os grupos sociais existem por meio da ação. Tanto a cultura como a estrutura social dependem do que as pessoas fazem. A interação modela a

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		13 de 21									

conduta. Segundo Rapoport as pistas de como se comportar são-nos dadas, em parte, pelo ambiente e, em parte, os objetos do mundo ganham significado a partir da ação de outras pessoas codificadas nestes objetos. A interação simbólica estabelece objetos físicos, sociais e abstratos. No ambiente construído estes vários objetos juntam-se e interagem.

O ambiente é mais do que físico. Um objeto mostra para a pessoa de que maneira agir, a organização social e a cultura proporcionam um conjunto de pistas, as pistas são utilizadas para interpretar situações e assim as pessoas agem de acordo. Já o significado das coisas só é conseguido por meio da rotina do comportamento, da formação de hábitos. Rapoport acredita que neste ponto também o ambiente possui um papel importante. Como? Por meio da rotina da associação de certas pistas ambientais e elementos com certas pessoas e comportamentos (o já mencionado *habitus* bourdieuniano). Até chegar à equação que as pistas sozinhas já representam as pessoas e os comportamentos.

Desse modo, o esquema conceitual de Rapoport engloba interação simbólica, antropologia cognitiva, noção de ambientes comportamentais e efeitos indiretos do ambiente sobre o comportamento.

O ambiente construído funciona, neste caso, para direcionar as possibilidades de interpretações. Isto é, dependendo do ambiente certas interpretações são impossíveis, ou pelo menos não esperadas. Quanto mais tradicional for a cultura mais restritas serão as escolhas de significados distintos.

Assim vemos como o homem manipula e altera a **paisagem** ao seu redor, “construindo” um novo ambiente. Este novo ambiente, que é criado pelos homens vivendo em sociedade, engloba toda sorte de edifícios: casas, locais de rito e culto (templos e santuários); vias de passagem de um lugar ao outro; locais de reunião (política, econômica e social); os mais diferentes tipos de aposentos (públicos e privados) e, por fim, pontos estratégicos nas fronteiras do território dominado, como marcos de proteção daquela sociedade.

Por ser produto direto da atividade humana e, mais especificamente, de um determinado agrupamento social, o jogo entre ambiente construído e as pessoas que o produziram revela quais pressupostos entraram em ação ao longo da produção de um determinado ambiente<sup>13</sup>.

13 Por outro lado, a variação nas maneiras de “construir um ambiente”, que são detectáveis de sociedade para sociedade, necessitam ter suas causas investigadas pelo viés da multiplicidade. Ou seja, é preciso levar em conta aspectos os mais diversos como fatores socioculturais e fatores ligados ao próprio ambiente natural. Assim, a existência de certos tipos de matéria-prima na região e o próprio clima desta leva a certas resoluções arquitetônicas, as quais seriam diferentes em regiões submetidas a outras conjecturas (Florenzano, 2004).

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		14 de 21									

Uma vez estruturado, o ambiente construído induz, portanto, comportamentos. A localização de portas e corredores, por exemplo, regra o grau de acessibilidade de um indivíduo a um ambiente determinado; ou então, a existência ou não de janelas determina o grau de exposição de um ambiente. O espaço é mnemônico, lembra o agente como agir.

É o que os estudiosos denominam comunicação visual. Os ambientes construídos são capazes de facilitar ou de inibir comportamentos latentes, incluir ou excluir grupos sociais (Rapoport, 1982, cap. 3; Florenzano, 2004).

Tendo em vista o exposto acima, vemos que as opções de um grupo social na forma como organiza seu espaço e, assim, o constrói, são fonte para o entendimento deste mesmo grupo. Quais eram seus meios de subsistência, seu nível econômico, político e como estava estruturada sua sociedade?

Uma outra vertente que lida igualmente com a paisagem e que igualmente se mescla com a Arqueologia em seus pressupostos teóricos é a ecologia histórica (ou análise de ambientes regionais), que estuda as ligações entre padrões de ocupação diferentes, que mudam ao longo do tempo. Assim, as paisagens vernaculares e formalmente construídas refletem os valores e as crenças essenciais de um determinado grupo (Anshuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 166): “As pessoas projetam cultura sobre a natureza”.

Para os ecologistas históricos (como Bruce Winterhalder, Universidade da Califórnia), estruturas sociohistóricas como classe, clã, grupos de interesse, ao combinarem com estruturas físicas como clima, geologia e topografia, determinam a paisagem.

Estuda-se as fronteiras e os limites sociais e, assim, leva-se em consideração as interações de comunidades distintas e os efeitos dessas relações sobre a paisagem. A dinâmica da paisagem pode ser avaliada pela percepção da natureza mutacional das fronteiras.

Por fim, a ciência mais afim com a Arqueologia, a Antropologia, enquanto Antropologia Cultural, pesquisa a idéia de lugar como local de identidade e de contestação. Trabalhos com grupos indígenas mostram como as paisagens são importantes para as comunidades em termos de manutenção da memória e da tradição<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Em dois livros, de 2002 e 2003, a arqueóloga Susan Alcock tem trabalhado a questão da construção da identidade a partir da significação outorgada coletivamente a certos lugares. Assim, a lembrança compartilhada (2002: 1) – a partir da memória social – permite a criação de imagens do passado e de desígnios para o futuro. No entanto, ao mesmo tempo que é extremamente poderosa, a memória social é também

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		15 de 21									

Os antropólogos culturais desafiam a idéia comum de lugares definidos por fronteiras estáticas e de relações baseadas em residência estável. Sugerem, ao contrário, que em áreas fronteiriças, caracterizadas pela fluidez e pela hibridização (dois temas muito caros às atuais pesquisas Mediterrânicas da Antiguidade), as relações de paisagem podem se basear na indeterminação do lugar.

Seriam os *ethnoscapes*, que se caracterizam pela ausência de estabilidade, de fixação, sendo que mesmo assim, as comunidades conseguem manter mapas cognitivos coerentes, baseados nas percepções, nas experiências diretas e nas memórias distantes, nos significados construídos e na imaginação.

A idéia é pensar (idem: 168): “As maneiras complexas sob as quais **lugares** ancoram vidas, em formações sociais, dentro de âmbitos os mais variados: geográfico; econômico e político; gênero; classe e etnicidade”.

Os antropólogos culturais analisam como os papéis sociais negociados (idade, gênero, sexo, clã, classe e etnicidade), suas interrelações e identidades, são mapeadas de maneira variável na **paisagem**.


\*\*\*

A Arqueologia possui a capacidade de incorporar vários destes aspectos da paisagem em seus estudos. De fato, o que vemos hoje são caminhos de pesquisa múltiplos e múltiplas perspectivas interpretativas. Questões relacionadas à ecologia (ecologia de assentamento); ritualização (paisagens rituais) e etnicidade (paisagens étnicas) são aspectos distintos de como o ser humano define, molda e usa o espaço em momentos determinados. Juntos, abordam processos essenciais de como as pessoas transformam o espaço em um **local** com significado.

Estudos de Ecologia de Assentamentos abordam questões de padrões arqueologicamente observáveis de uso da terra, ocupação e transformação ao

---

fugidia. No livro *Archeologies of the Greek Past* (2002), Alcock pretende alcançar esta fugida memória a partir de improvável documentação, a material, especificamente os monumentos e a paisagem (idem: 2). No texto de 2003, editado em parceria com Ruth Van Dyke, elas traçam, na introdução, a ligação da memória e do lugar. Assim, “Places, meanings, and memories are intertwined to create what some authors have termed a “sense of place”. A sense of place rests upon, and reconstructs, a history of social engagement with the landscape, and is thus inextricably bound up with remembrance, and with time; its construction is tied into networks of associations and memories through a process Basso (1996:107) calls interanimation. As humans create, modify, and move through a spatial milieu, the mediation between spatial experience and perception reflexively creates, legitimates, and reinforces social relationships and ideas” (2003: 5).

	Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		16 de 21

longo do tempo. As paisagens são: “produtos das interações humanas com seus meio ambientes, que são definidas por uma matriz terra/trabalho, de táticas e estratégias” (idem: 177).

Trata-se de uma abordagem que leva em consideração as variáveis naturais; recursos hídricos e outros, para a subsistência; existência ou não de matérias primas diversificadas para o conforto e a saúde; para a troca e o comércio. Recursos cuja disponibilidade muda, ao longo do tempo, por razões culturais e/ou naturais.

Cultura e tradição (compreensão compartilhada de significados) são filtros adicionais para a maneira como os grupos estruturam e organizam o uso e a ocupação de locais. Isto é, padrões de percepção ambiental culturalmente condicionados e tradições de uso da terra afetam os modos e os ritmos da mudança nas interações do grupo com seu meio ambiente.

Por exemplo, pequenas mudanças nos padrões arqueológicos, ao longo do tempo, podem representar ajustes, bem sucedidos, feitos para abafar perturbações ambientais.

Já mudanças amplas, sistêmicas e rápidas podem representar realinhamentos significativos, lançados mão para se resolver modelos de interações comuns com o meio ambiente, cognitivos e operacionais, contraditórios (idem).

Um outra linha de pesquisa contemporânea da paisagem, das Paisagens Rituais, vê estas enquanto produtos de ações estereotipadas, incluindo atos específicos e atos em sequência. Estas atos rituais representam as ordens sociais prescritas por meio das quais cada comunidade define, legitima e mantém a ocupação de suas terras tradicionais.

O arqueólogo norte-americano K. H. Basso, que trabalhou com o grupo indígena apache no muito citado estudo *Wisdom sits in Places: Landscape and Language among the Western Apache* (University of New Mexico Press, Albuquerque, 1996 *apud* Anschuetz, Wilshusen e Scheick, 2001: 178), assim define a questão: “Sabedoria tradicional é comumente amarrada a locais, desse modo, a paisagem é plena de história, de lendas, conhecimento e poder, o que auxilia a estruturação das atividades e a organização dos relacionamentos”.

Grupos conhecidos etnohistoricamente possuem calendários rituais completos e uma rica cosmologia que estrutura, organiza e informa acerca de sua paisagem, que os membros das comunidades percebem e com a qual interagem.



<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		17 de 21									

Desse modo, parte-se de investigações arqueológicas tradicionais, buscando padrões nas distribuições espaciais de atributos rituais, como prédios públicos, monumentos, praças ou plazas, petróglifos e pictógrafos, e diversos marcadores vernaculares. No entanto, a combinação de abordagens distribucionais (investigação de conjuntos non-site) permite acessar a potencialidade dos espaços e das representações sociais destes espaços, aumentando o potencial de avaliação com relação à incorporação ritualizada de locais especiais, em paisagens segregadas de habitação e de centros de atividade, na esfera do ambiente construído de um grupo.

Os pesquisadores, ao invés de fazerem analogias diretas, se inspiram em idéias presentes no conhecimento tradicional sobre referentes cosmológicos (de longa duração, presume-se), e por meio de construtos analógicos desenvolvem um conjunto de hipóteses a serem testadas.

Observações arqueológicas quantificáveis fornecem a base para se alcançar padrões prováveis baseados em princípios cognitivos coerentes. Os estudos de paisagem ritual utilizam modelos espaciais cognitivos idealizados, derivados de material etnográfico, de maneira a procurar por padrões de semelhança e dessemelhança com o passado (idem: 179)<sup>15</sup>.

Por exemplo, alterações físicas dos locais, que correspondem a fenômenos astronômicos ou cosmológicos. Algumas destas áreas estão em uso até hoje, mesmo que, devido a suas longas histórias, o uso seja de avaliação complicada.

Por fim, uma outra vertente bastante abordada é a das Paisagens Étnicas, que pode ser definido como construtos espaciais e temporais definidos pelas comunidades, cujos membros criam e manipulam a cultura material e os símbolos para significarem fronteiras étnicas ou culturais, baseados em costumes e modos de pensamento compartilhados, que podem ter como única sanção a tradição.

A idéia básica, já muito utilizada nas pesquisas contemporâneas, vê que: “A paisagem pode ser usada para marcar ou recriar identidades socioculturais” (idem: 179).

No entanto, é preciso ter em mente que etnicidade é construída, nem todo grupo cultural a considera importante (pode ser apenas uma tática adaptativa frente o estresse de migração ou de relações assimétricas de poder); e pode ou não se manifestar espacialmente.

<sup>15</sup> As paisagens rituais têm sido abordadas por pós-processualistas como C. Tilley e M. Edmonds, a partir de uma nova metodologia, o “trabalho de campo fenomenológico” e os “textos hiper-interpretativos”. A. Fleming (2006), no artigo citado no início de nosso texto, faz duras críticas a estes procedimentos, ao mesmo tempo em que concede a alguns dos argumentos pós-processualistas com relação à conceituação do termo paisagem alguma razão.

<table border="1"> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td></td><td></td><td></td></tr> </table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		18 de 21									

Etnicidade sempre envolve comportamentos de inclusão e de exclusão, assim espera-se que o registro arqueológico reflita representações étnicas distintas (morfológicas, estilísticas e espaciais), isto se este tipo de relação social era importante para as comunidades culturais em estudo, durante certos momentos e lugares.

Por fim, mesmo que a representação étnica não possua representações espaciais, a formação de comunidades étnicas ocorre na ação social, guiada pela tradição e exercida na arena das interrelações das pessoas com seus meios ambientes de maneira a criar suas paisagens.

De maneira geral, todas as formas de paisagens apresentadas são muito complexas ao serem arenas de processos culturais e de mudança para comunidades múltiplas, tanto simultaneamente como em sequência.<sup>16</sup>

\*\*\*

O ponto a se destacar das três abordagens de investigação mais contemporâneas é o destaque dado à perspectiva que: “Pessoas são bem mais do que recipientes passivos de mudanças impostas de fora de seus sistemas culturais. Pessoas são agentes que contribuem para a criação de condições que garantam a reestruturação e a reorganização de suas interação com seus meios físicos, com outros membros de sua comunidade e com residentes de outras comunidades” (idem: 181).


Retomando algumas das questões já trabalhadas, com a reprodução de atividades diárias, as quais representam crenças e valores, a paisagem outrora natural é transformada em locais com significado. A memória social e a remodelação física do ambiente legitimam os significados.

\*\*\*\*

Assim, como colocamos algumas vezes ao longo de nosso texto, uma paisagem é um produto cultural, que se modifica, ou não, ao longo do tempo. O reconhecimento da possibilidade de existência de várias arenas de ocupação e camadas múltiplas de ações humanas em uma dada paisagem é o ponto chave para uma abordagem em Arqueologia da Paisagem.

---

<sup>16</sup> Sobre a problemática questão da etnicidade e a proposta de se pensar, arqueologicamente, em identidades sociais, ver Van Dommelen e Knapp (2010).

	Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		19 de 21

### Referências Bibliográficas:

ALCOCK, S. E.

2002. *Archaeologies of the Greek Past. Landscape, Monuments, and Memories*. Cambridge: CUP.

ALCOCK, S. E., CHERRY, J. F. & DAVIS, J. L.

1994. "Intensive survey, agricultural practice and the landscape of Classical Greece". IN: MORRIS, I. (ed.) *Classical Greece: Ancient Histories and Modern Archaeologies*. Cambridge: CUP, pp.137-70.

ALCOCK, S. E. & VAN DYKE, R. M. (eds.)

2003. *Archaeologies of Memory*. Oxford: Blackwell Publishing.

ANSCHUETZ, K. F., WILSHUSEN, R. H. & SCHEICK, Ch. L.

2001. "An Archaeology of Landscapes. Perspectives and directions", *Journal of Archaeological Research*, vol.9, n.2, pp. 157-211.

BOURDIEU, P.

2001. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

BROWSER, B. J. & ZEDEÑO, M. N.


2009. *The Archaeology of Meaningful Places*. Salt Lake City: The University of Utah Press.

DUNNEL, R. C. & DANCEY, W. S.

1983. "The siteless survey: a regional scale data collection strategy", IN: SCHIFFER, M. B. (ed.) *Advances in Archaeological Method and Theory*. Nova Iorque: Academic Press, pp. 267-87.

DURKHEIM, É.

1900. *Année Sociologique*. Paris: Félix Alcan.

	Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca		20 de 21

FLEMING, E.

2006. "Post-processual Landscape Archaeology: a critique". *Cambridge Archaeological Journal*, Vol.16, n. 3, Oct., pp. 267-80.

FLORENZANO, M. B.

2004. "Cidade e território na Grécia antiga. Organização do espaço e sociedade". Projeto Temático de Pesquisa apresentado à Fapesp. São Paulo: [www.mae.usp.br/labeca](http://www.mae.usp.br/labeca).

FOWLER, P. J. (ed.)

1972. *Archaeology and the Landscape. Essays for L. V. Grinsell*. John Baker: Londres.

JACKSON, J. B.

2000. *Landscape in Sight: Looking at America*. Yale: Yale University Press.

KORMIKIARI, M. C. N.

2009. "O conceito de 'cidade' no mundo antigo e seu significado para o Norte da África berbere", *Estudos sobre a cidade antiga*. IN: FLORENZANO, M. B. B. & HIRATA, E. F. V. (orgs.). São Paulo: Edusp/Fapesp, pp. 137-72.

MORAIS, J. L.

1999. "A Arqueologia e o fator geo". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, N. 9, pp. 3-22.

RAPOPORT, A.

1982, *The Meaning of Built Environment: a Non-verbal Communication Approach*. University of Arizona Press.

RATZEL, F.

1909. *Anthropogeographie*. Verlag Von J. Engelhorn, Stuttgart.

VAN DE VELDE, P.

2001. "An extensive alternative to intensive survey: point sampling in the Riu Mannu Survey Project, Sardinia", *Journal of Mediterranean Archaeology* 14.1, pp. 24-52.

<table border="1"><tr><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td></td><td></td><td></td></tr></table>										Arqueologia da Paisagem	Jul / 2014
labeca	21 de 21										

VAN DOMMELEN, P. & KNAPP, A. B. (eds.).

2010. *Material Connections in the Ancient Mediterranean: mobility, materiality and identity*. Nova Iorque: Routledge.